

# MENTIRAS SINCERAS

## ME INTERESSAM:

### A IRONIA NA OBRA DE CAZUZA

Idalmo Geraldo Duarte Júnior\*

#### Resumo

Verificação da presença de elementos de representação, fingimento, máscara e jogo na obra de Cazusa, para concluir que seus textos apresentam constantemente a consciência do espetáculo e se tecem com elementos contraditórios, sendo as múltiplas possibilidades de dúvida/ironia um dos prazeres que podem causar ao receptor.

Dentre as várias possíveis definições de ironia, poderíamos citar aquela que a chama de relação particular entre o ser e o parecer, uma "via oblíqua" que o espírito

---

\* Bolsista de Iniciação Científica do CNPq de 08/91 a 07/1992. Graduando do Curso de Comunicação da FAFICH/UFMG.

toma, para fazer entender o que a expressão direta não saberia sublinhar com bastante força. A expressão irônica sugere, geralmente, um sentido direto absurdo ou estranho; o espírito do leitor pode vir a traduzir, desde então, essa expressão inicial, afetando-a com o sentido contrário para chegar a descobrir a idéia que o autor quis fazer entender, e que é valorizada através desse desvio. O importante é o ponto de chegada, o sentido encontrado ao contrário, que a ironia dirige para uma frase ou para o conjunto de uma obra.

A utilização desse estratagema pressupõe, no entanto, um autor consciente, entre outras coisas, do caráter de representação presente na criação de uma obra literária. Um distanciamento crítico, poderíamos dizer, que o leva a uma consciência do espetáculo; a saber que o que ele está fazendo ao criar é, afinal, uma representação construída.

Seguindo essa linha de raciocínio, torna-se necessário introduzir o conceito de ironia romântica. Ao contrário do que se poderia supor a princípio, ironia romântica não é só aquela feita durante o período histórico conhecido como Romantismo, mas uma expressão de origem alemã (*Romantische Ironie*) que, resumidamente, designaria como obra irônica toda aquela que afirme sua consciência de jogo, tanto em seu conteúdo, quanto em sua própria existência.

Analisada através do prisma acima colocado, a obra de Cazuza apresenta-se pródiga de conteúdo irônico. O escancaramento do caráter de representação dos

relacionamentos humanos, por exemplo, é uma constante em sua produção:

O nosso amor a gente inventa  
pra se distrair  
e quando acaba a gente pensa  
que ele nunca existiu.

Esse trecho, refrão da música "O nosso amor a gente inventa", é bastante ilustrativo. Nele podemos ver, claramente, Cazuza apresentando uma relação amorosa como algo criado pela imaginação. E, com uma passada de olhos por seu trabalho, rapidamente encontramos casos semelhantes:

Exagerado  
jogado aos seus pés  
eu sou mesmo exagerado  
adoro um amor inventado.

Nesse trecho, além do caráter de representação, encontramos outros pontos que novamente nos remetem à ironia romântica. Entre suas características básicas está a busca, no autor que dela se utiliza, de um refúgio consciente no papel representado. E, ao falar que adora um "amor inventado" - uma criação, portanto -, Cazuza está demonstrando justamente isso.

Mas de onde vem esta busca de um refúgio no fingimento? Acontece que o autor irônico romântico não se contenta com o sério absoluto; a realidade é para ele pequena, insatisfatória, e isso o leva a uma opção consciente por dar

asas à imaginação; a dizer "mentiras sinceras me interessam", e "adoro um amor inventado".

Na ironia romântica, a arte quer ser reconhecida como arte, como essência fictícia. Trata-se de representações construídas, sim, são invenções, são mentiras; e colocar esse fato às claras - dizendo coisas como: "livro depressivo/ na areia da praia/ eu banco o depressivo" ou "faço promessas malucas/ tão curtas quanto um sonho bom" - reside grande parte do seu valor.

Outra característica da ironia romântica que podemos, com frequência, encontrar na obra de Cazuza, é a consciência da coexistência dos contrários. Com efeito, em seu trabalho é fácil achar aproximações entre elementos díspares. Em "Guerra civil", ele diz: "freiras lésbicas assassinas/ Fadas sensuais/ me vigiam do décimo andar". Imagens associadas, pelo senso comum, à castidade (freiras), ou a coisas místicas, etéreas, espirituais (fadas), são imbuídas de características sexuais ("lésbicas", "sensuais") ou violentas ("assassinas"). Em "Completamente blue", encontramos: "Tudo azul/ completamente blue"; uma gíria ("tudo azul"), cujo significado corrente é "tudo bem", seguida de "blue", que, em inglês, além de designar a cor azul, significa tristeza. Mesmo em títulos de certas músicas podemos encontrar exemplos disso: "Culpa de estimação" juntando estima e condenação.

Essa consciência da coexistência de contrários pode ser achada, também, em outro dos modos particulares da construção irônica na obra de Cazuzu: a inversão daquilo que seria de se esperar. "Que prazer mais egoísta/ o de cuidar de um outro ser/ mesmo se dando mais do que se tem pra receber", escreveu ele em "Minha flor, meu bebê". Segundo o dicionário, egoísmo significa "amor excessivo ao bem próprio, sem consideração aos interesses alheios". Com certeza, então, tomar conta de outra pessoa, se doando mais do que se teria em troca, não poderia ser considerado - se não estivesse presente uma piscadela irônica - como um "prazer egoísta". E, em outro exemplo, se ao invés de se lamentar ao ser abandonado, Cazuzu diz "Obrigado/ por ter se mandado", ele está, antes de tudo, sendo irônico, falando o inverso do que nossos ouvidos escutam.

Uma última característica da ironia romântica merece ser citada, em se tomando essa obra poética como referência: o envolvimento com tal intensidade no jogo que o "ilusionista" acaba sendo enganado também. "O nosso amor a gente inventa" começa colocando bem claro que a relação amorosa que descreve é falsa: "O teu amor é uma mentira/ que a minha vaidade quer/ e o meu, poesias de cego, você não pode ver". Mas a letra, a seguir, conta o que acontece quando a relação termina: "No meu mundo, um troço qualquer morreu"... "Ficou tudo fora de lugar/ Café sem açúcar, dança sem par". Resta a nós a pergunta: será o poeta um fingidor, que finge tão

completamente, que chega a fingir que é amor o amor que deveras sente?

Ideais que arrefecem ("Aquele garoto que ia mudar o mundo/ agora assiste a tudo de cima do muro"), sentimentos que murcham ("todo mundo ama, exagera tudo/ mas depois disfarça, foge pelos fundos"): a passagem do tempo e seus efeitos é um dos temas mais constantes sobre os quais o Poeta destila sua ironia. Augusto dos Anjos, ao constatar que "o beijo é a véspera do escarro", comandava: "escarra esta boca que te beija". Cazuza, por seu turno, vendo que "os fãs de hoje são os linchadores de amanhã", dizia: "Quero que você me ame bastante/ daqui até a Constante Ramos": já que não sabemos o dia de amanhã, vamos curtir o agora. Mas é interessante notar que o nome da rua é "Constante", o que sugere pelo menos um desejo de permanência. Em "Heavy love", encontramos: "Eu não sei se o nosso caso vai durar ou não/ se o que sinto por você é doença ou paixão"; e, em seguida: "Acenda as luzes todas/ perca a razão/ vem, me procura e encaixa/ no escuro do meu coração".

Às vezes, no próprio som das palavras utilizadas podemos encontrar pistas que nos revelam a ironia: em "Vida fácil", há uma espécie de "padrinho" de um grupo de prostitutas, que é chamado de "protetor das artes práticas" - numa alusão aos mecenas protetores das artes plásticas. De casos assim, é particularmente fértil a letra de "Rock da descerebração". Nela encontramos: "Cagüetem-se, solidários/ antes do

interrogatório". Cagüetem-se soa semelhante a caguem-se, reação em geral atribuída aos medrosos e covardes. Nela ele fala, também, "descerebrem-se, celebrem", palavras que soam semelhantes e, por estarem juntas, fazem uma equiparação entre festejar e desligar o cérebro.

Cazuza utiliza-se da ironia, ainda, para debochar da dor. Pela ótica que ele parece apresentar, o sofrer seria frescura: "A solidão é pretensão de quem fica/ escondido fazendo fita" - uma representação, um fingimento, que também podemos perceber quando ele diz: "Obrigado/ pelas vezes que eu chorei sem vontade/ pra te impressionar, causar piedade". Mesmo quando parece realmente sofrer, ele não se refere às dores de modo que estas pareçam reais ou, no mínimo, sentimentos de alguém inteligente: "Me deixem bicho acuado/ por um inimigo imaginário/ correndo atrás dos carros/ como um cachorro otário". Ele está sofrendo por algo criado pela imaginação, e se acha tolo por isso.

Ou será que não? É impossível chegar a ter certeza se o autor sofria, ou não, ao ser "acuado" por seu "inimigo imaginário". A análise da letra mostra-se inconclusiva. Percebemos, então, ter penetrado no território do *tongue-in-cheek* (língua na bochecha); uma forma de ironia mais subliminar, não sinalizada, interna; uma ironia que sobrevive no espaço da dúvida de sua existência, no espaço da existência da dúvida, e da qual podemos, vez por outra, suspeitar no decorrer de nossa análise da obra de Cazuza.

Como quando ele diz: "Eu acredito nas besteiras que eu leio no jornal" - mesmo consciente de que são besteiras - "Eu acredito em paixão e moinhos lindos" - sendo que moinhos evocam os inimigos imaginários criados pela loucura de Dom Quixote e, colocados próximos à "paixão", lançam sobre ela todo seu sentido de delírio irreal. Concluindo a estrofe, o Poeta continua a nos confundir: "Mas a minha vida sempre brinca comigo/ de porre em porre vai me desmentindo". Ele acredita mesmo na paixão, mas a vida e a boemia insistem em contradizê-lo? Ou diz uma coisa e, por estar a "destilar terceiras intenções", age de outra forma na prática? Se nos ativermos a buscar a resposta a questões como essas, nos privaremos das múltiplas possibilidades da dúvida/ironia - um dos grandes prazeres que a obra de Cazuza pode nos proporcionar.

### **Bibliografia**

ALMANSI, Guido. L'affaire mystérieuse de l'abominable *tongue-in-cheek*. *Poétique*, Paris, n. 36, p.413-426, nov. 1978.

BOURGEOIS, André. Préface. In: *L'ironie romantique*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 1974.